



A extensão, vista de forma cada vez mais igualitária à pesquisa, tem ganhado visibilidade à medida que as Diretrizes Curriculares Nacionais focam o ensino como centrada no acadêmico, e que a construção do conhecimento se dá quando há pressupostos teóricos que são concretizados no dia-a-dia da ação prática, o que em saúde denominamos de relação ensino-serviço. Prática que oportuniza ao acadêmico estar desde o início do curso simulando as relações do profissional junto a comunidade.

Esta concretização só se faz possível quando estão envolvidos em um mesmo cenário, professores, acadêmicos, profissionais e comunidade, num conjunto de integralidade. Este modelo significa extensão como aprendizagem.

É a partir da extensão, que se coletam dados riquíssimos das necessidades da comunidade, que possibilitam o desenvolvimento de propostas de melhorias tanto no urbano quanto no rural, pela ótica de se pensar a Universidade como um ente do Estado responsável pelo processo de transformação social.

No mundo globalizado e virtualizado em que vivemos, o aspecto “humanizador” está cada vez menos valorizado, e estar em contato direto com as pessoas, saber ouvir-cuidar e propor soluções para os problemas do social, são desafios que a extensão, como flexibilizadora do ensino, tem cumprido de forma brilhante.

A comunicação desenvolvida pela extensão entrelaça pessoas, em um contexto onde o online é o palco, a Universidade ainda é capaz de desenvolver sensibilidade humana em seus acadêmicos, futuros profissionais que levam a ética, o humano, o reflexivo e o crítico para o dia-a-dia de seu trabalho.

Que a crise paradigmática que vivemos possa ser vencida através de movimentos integrados entre a “universidade” e seus atores, através do trinômio ensino-pesquisa-extensão, dentro da lógica de se pensar em extensão para o século XXI.

Fabiana Postiglione Mansani

Professora do Departamento de Medicina
Universidade Estadual de Ponta Grossa